



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

EUCLIDES VICTORINO SILVA AFONSO

**DA BANCADA À CANTINA AO MODO “MAMADU”:
EXPERIÊNCIAS
NAS ZONAS DE COMÉRCIO EM LUANDA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

EUCLIDES VICTORINO SILVA AFONSO

**DA BANCADA À CANTINA AO MODO “MAMADU”:
EXPERIÊNCIAS
NAS ZONAS DE COMÉRCIO EM LUANDA**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

EUCLIDES VICTORINO SILVA AFONSO

**DA BANCADA À CANTINA AO MODO ‘‘MAMADU’’:
EXPERIÊNCIAS NAS ZONAS DE COMÉRCIO EM LUANDA**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas.

Aprovado em: 03/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Idalina Maria Almeida de Freitas (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Juliana Barreto Farias

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Todo-Poderoso por ter me dado força e motivação, agradeço a minha universidade UNILAB, a minha Professora Doutora Idalina Freitas pelo incentivo de fazer a pesquisa e a disponibilidade que sempre teve em atender as minhas preocupações.

Em especial, quero agradecer a minha família pela força que sempre me deu apoiando os meus estudos. Ao meu irmão Herculano Felix Silva Afonso, a Jamile dos Reis Santos pela ajuda que deu na construção do trabalho, agradeço o Yuran Santana, o André Pascoal Gaspar, o José Francisco, a Kesya Bernardo Lima, pela ajuda que deram na revisão e correção do trabalho. Quero agradecer também ao Israel Manuel, na ajuda que prestou desde os primeiros momentos. Agradeço a todos que deram os seus subsídios para a construção do presente estudo.

*“Luanda terra das crianças,
terras dos jovens Luanda
terras das cotas
Terra dos
bairros
Bairros dos
musseques
Do Sambizanga ao
bairro Operário Da
zungueira e da
quitandeira Luanda
nossa cidade, nossa
terra”*

(Euclides Victorino Silva Afonso)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	8
2.1	OBJETIVO GERAL	8
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3	JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	8
4	COMÉRCIO NAS BANCADAS NOS BAIROS DE LUANDA	9
4.1	CONFLITOS NAS VENDAS DE BANCADAS NOS BAIROS	11
4.2	COMÉRCIO NAS CANTINAS	13
4.3	PRIMEIROS COMERCIANTES ESTRANGEIROS NO MERCADO ANGOLANO	14
4.4	TENSÕES NA VENDA ENTRE OS COMERCIANTES ESTRANGEIROS E AS DONAS DE BANCADAS NOS BAIROS	18
4.5	DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA	19
5	METODOLOGIA	20
6	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23
	ANEXOS	25

1 INTRODUÇÃO

Luanda, a capital de Angola¹, é uma cidade fundada em 25 de janeiro de 1576, pelo navegador português Paulo Dias de Novais, localizada na Costa do Atlântico (DOMINGOS, 2016, p.18). Etimologicamente o nome vem da língua Bantu, *lu-ndandu*. O prefixo *lu* nas línguas bantu indicam palavras que mostram uma área com grande dimensão, como rios, praias e ilhas. A expressão *ndandu* na língua bantu, significa produtos, objetos para comércio. Os colonos portugueses reformularam o nome para Luanda, segundo os relatos históricos.

A agricultura e a pesca são tradicionalmente as principais atividades econômicas deste povo. Limitada geograficamente entre os rios Bengo e Kwanza, a fundação de Luanda originou o estabelecimento da primeira cidade edificada por europeus, primeiramente designada como Vila. Em 1605 ganhou a condição de cidade. Desde a sua fundação, Luanda foi sempre um entreposto comercial, historiadores narram que o fornecimento de escravos também foi uma das razões que ocasionou a fundação da cidade (SANTOS, 2010).

Com esse estudo, buscaremos apresentar as trajetórias e experiências de práticas comerciais em Luanda, feitas por senhoras donas de bancadas e a entrada de novos comerciantes estrangeiros no mercado, sendo estes: senegaleses, malianos, congolezes, marfinenses e guineenses. Procuramos assim, perceber os processos de entrada de novos negociantes no comércio, que geram impactos nas vendas das donas de bancadas.

Nesse sentido, anseia-se por investigar as disputas e tensões entre as práticas comerciais realizadas entre as mulheres nos seus comércios de bancadas, e no decorrer da entrada dos novos sujeitos nas atividades comerciais. À vista disso, procuramos compreender as práticas comerciais historicamente exercidas por mulheres nas zonas de Luanda, seguidamente, começaremos por relatar as práticas que são realizadas nesses lugares exercidas por mulheres, descrevendo assim, as suas dinâmicas no dia-a-dia, reportando os percursos históricos das transações comerciais em Luanda, concretamente no período do século XIX. E conseqüentemente, debruçaremos os processos de entrada dos comerciantes estrangeiros no mercado, os seus impactos trazidos nas atividades comerciais.

¹ Político-administrativamente possui 18 províncias correspondentes: Uíge, Bengo, Malanje, Bie, Huambo, Huíla, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Cuando Cubango, Cabinda, Namibe, Benguela, Moxico, Cunene, Zaire, Lunda Norte, Lunda Sul e Luanda (UDOLO, 2014, p.15). Possui uma população aproximadamente de 25.789.024 milhões de habitantes, segundo o Instituto Nacional de Estatística, atinente ao censo geral da população de 2014 (INE, 2018). Angola é uma sociedade plural e composta por vários grupos culturais (WHEELER e PÉLISSIER, p.32, 2011, 1ªed).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Investigar as disputas e tensões entre as práticas comerciais realizadas pelas donas de bancadas em Luanda e a entrada de novos comerciantes, os Mamadus.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Perceber as práticas comerciais historicamente exercidas por mulheres em Luanda;
- ✓ Analisar os processos de entrada dos comerciantes estrangeiros e os seus impactos;
- ✓ Diferenciar as formas de vendas dos comerciantes estrangeiros e as vendas locais realizadas.

3 JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir da preocupação de se pesquisar sobre os atos de comércio praticados por mulheres angolanas no mercado informal. Seguiu-se, desse modo, um diálogo com a professora orientadora no intuito de investigar acerca do comércio praticado pelas mulheres nas zonas de Luanda e as mudanças influenciadas pelos comerciantes estrangeiros. Destarte, relatou-se, através de experiências observadas nesses espaços, a fluidez de realizações comerciais em Luanda, propriamente nos municípios do Cazenga, Cacuaco e Viana.

Com o presente estudo buscaremos apresentar a situação do comércio informal nas zonas de Luanda praticado por senhoras donas de bancadas, tentaremos realizar um levantamento histórico e social que compreende desde 2007 até os dias atuais. Busca-se entender as formas de realizações do comércio dessas mulheres nas bancadas, os tipos de vendas feitas nesses lugares, entender como se dá as tensões e as experiências entre donas de bancadas até os dias de hoje. Para a obtenção dessas informações, além da pesquisa bibliográfica das relações das vendas, buscamos fazer algumas entrevistas a fim de compreender tais processos e futuramente perspectiva-se realizar uma pesquisa etnográfica.

A partir desse comércio realizado pelas donas de bancadas, buscou-se entender essas experiências nos bairros, por meio de outras transações comerciais feitas nas zonas de Luanda. Essas atividades realizadas por donas de bancadas, perdeu sua dinâmica. Muitas deixaram de fazer os seus negócios quando os comerciantes estrangeiros entraram no mercado. Os Mamadus provocaram um baixo rendimento nas vendas das senhoras e o desaparecimento de várias bancadas nos municípios de Luanda.

No que concerne ao comércio realizado por Mamadus nas cidades de Luanda, vale dizer, que é um estudo novo no campo acadêmico. Tão somente é referenciado por algumas informações nos jornais, nas rádios e televisões.

É notória em quase todos os lugares da capital, a prática das atividades comerciais, o que a torna uma sociedade majoritariamente marcada por essas operações, e como a história do país nos mostra. O comércio na cidade de Luanda é feito por crianças, jovens e mulheres. Em Angola, há uma mescla de estrangeiros de diferentes nacionalidades que estão dentro desse comércio, e a partir desse estudo e as análises feitas, surgiu o seguinte questionamento: Como se apresenta o comércio exercido prioritariamente pelas donas de bancadas, após a chegada dos Mamadus?

4 COMÉRCIO NAS BANCADAS NOS BAIRROS DE LUANDA

Durante o século XIX, as mulheres adquiriram bens e propriedades agrícolas através das compras, herança, dotes², propriedades de terras, escravos e embarcações, que criou oportunidades para elas e com maior relevância no setor de abastecimento de alimentos, em seus arrimos³ e hortas, que foi dando um crescimento no desenvolvimento do comércio na época (OLIVEIRA, 2016, p.147). As mulheres em Luanda produziam milho, farinha de mandioca e feijão para abastecer a população nas cidades e os navios negreiros. Todavia, as mulheres investiram muito em várias atividades comerciais em Luanda durante o século XIX⁴. As atividades comerciais criaram uma acentuada fisionomia à paisagem cultural dos luandenses, quer seja esses que se acumulem nos centros urbanos⁵ de Luanda, que a tornam

² Representava na época uma propriedade que as mulheres tivessem herdado do casamento. Recebiam esses bens através desses dotes, seja dos seus pais ou caso fossem viúvas. A possibilidade de uma mulher com dotes, conferia uma mulher solteira e atraindo candidatos e de tal forma, possibilitava possuírem tais bens para o comércio.

³ Quintas para agricultura em Angola. Oliveira (2016 Apud SANTOS, 2010). 4 Idem. (2016, p.147).

⁴ Idem. (2016, p. 147).

⁵ São Paulo, Hoji ya Henda, São bairros da cidade de Luanda onde observamos um fluxo comercial complexo das vendas das mulheres.

uma cidade de movimentações comerciais (SANTO, 2016). O tráfico de escravos a partir de Luanda, as retiradas de mercadorias para o abastecimento de alimentos e produtos, as ligações comerciais entre os negociantes expatriados e intermediários locais, eram fundamentais para o desenvolvimento do comércio⁶.

As mulheres escravizadas na época, conhecidas como quitandeiras, dedicavam-se ao comércio ambulante e a oferta de comidas, tais fornecidas pelos seus senhores nos mercados de ruas na cidade⁷. Os estudos realizados sobre comércio, indicam que Luanda sempre foi vista historicamente como um dos aspectos mais marcantes, e esteve sempre presente desde os primórdios da cidade, que marca a complexidade dessas práticas, trajetórias e relações (SANTOS, 2016).

A presença de mulheres nas atividades comerciais nos bairros de Luanda é muito potente, com as vendas nas bancadas e o comércio ambulante. São vários tipos de produtos mercanciados defronte as suas residências. As mulheres que fazem as transações comerciais da zunga⁸ e as vendas similarmente são realizadas nos mercados e, em alguns espaços como: Golfo 2; mercado dos Kwanzas; mercado do trinta; mercado do Kikolo e do Panguila.

O comércio das bancadas⁹ é uma atividade realizada por mulheres normalmente que não trabalham de carteira assinada, e essas práticas, são métodos ou estratégias de trabalhos que garante o sustento das suas famílias. Não havendo outros tipos de negócios que geram lucros para cobrir as necessidades, a bancada e a zunga são os recursos que elas encontram como saída. A partir desses negócios, permite a inclusão de seus filhos no campo da educação escolar e o sustento de sua família.

É fundamental identificar o lugar da mulher no processo de formação da sociedade angolana, rediscutindo sua função. A discriminação com base no gênero continua a apresentar dados pertinentes. Geralmente, as mulheres ainda exercem trabalhos de baixa qualificação e auferem relativamente menor remuneração, entre outras questões que influem a situação de desigualdade de gênero no país (GODINHO, 2017, p.21). Problematizando não apenas a falta de oportunidades como também desconstruir um conjunto de normas e condutas, protocolos

⁶ OLIVEIRA (2016).

⁷ OLIVEIRA (2016).

⁸ Zunga são as atividades comerciais praticada por mulheres e homens. Majoritariamente por mulheres, feita num processo de movimentação. Por homens, são realizados frequentemente por saqueiros, os vendedores de sacos que ficam nas esquinas e andando a espera de pessoas que comprem o negócio.

⁹ Segundo a Senhora Vitória residente no bairro Mabor município do Cazenga, uma das entrevistadas que aceitou uma breve conversa relacionada as vendas das bancadas nos bairros de Luanda, conta a história quando começou a fazer o negócio, começando assim na venda de pão. Em 12 fevereiro de 1984 foi a data que começou e, revela que nesse ano, as práticas de vendas nas bancadas em Luanda já era uma práxis muito realizada nos bairros, e o rendimento das vendas era diferente comparando com atualidade (18 de janeiro de 2018).

machistas explícitos ou implícitos que diminuem oportunidades à mulher (JOSÉ, 2018, p. 9).

O comércio à bancada nos bairros passou a ser uma atividade muito realizada. No período de 1992-2002, torna-se um marco historicamente importante para análise das dinâmicas do mercado informal (SANTOS, 2010, p.60). A seguir as eleições de 1992, marcam-se um processo de grandes deslocamentos e profundas alterações na situação socioeconômica do país. Pinto (2014, p.3) reporta a existência de um processo de crescimento da economia informal dos praticantes luandenses nos anos 1977/78, e rapidamente, as práticas informais esquemas, candonga, alastraram aos diferentes setores de atividade econômica e as diferentes dimensões de intervenção dos atores sociais luandenses.

4.1 CONFLITOS NAS VENDAS DE BANCADAS NOS BAIRROS

Santos (2010), afirma o tempo das quitandas¹⁰, tempo de antigamente como dizia a sua avó, eram tempos de fartura e de mercadoria, de boas vendas e bons lucros. Por sua vez, estes também geravam intrigas, invejas e feitiços entre as vendedoras, nas atividades feitas nos bairros e nas ruas, realizadas por donas de bancadas. Até nos dias de hoje, as insatisfações, descontentamentos das vendedoras e os problemas¹¹ nas vendas, acontecem e causam o fraco rendimento no negócio.

As tensões e conflitos são marcantes com frequência nas vendas das senhoras. Esses conflitos, têm causado desgosto e sucede desentendimentos entre elas. Por consequências desses atos nas vendas, originam graves situações entre as vendedoras. Casos de vizinhas que quebram os laços de amizade e o costume de diálogo, implicando as piadas.¹²

Por essas razões, existe entre as mulheres vendedoras, um fenômeno denominado

¹⁰ As quitandas vão surgindo como uma das faces do musseque, intimamente ligadas ao trabalho feminino, onde ressaltam às figuras da lavadeira e da quitandeira, sendo ela a principal personagem. A figura da “mamã quitandeira” coloriu Luanda de todas as épocas, com seus panos fartos e garridos, que encheu ruas e becos com pregões anunciando frutas e legumes (SANTOS, 2010, p.139 APUD PEPETELA). Nas quitandas, se vende tantos produtos, que se pode considerar de primeira necessidade, como também produtos de luxo, importados. A imagem da quitandeira a percorrer a cidade com a quinda à cabeça, vendendo frutas e outros, de porta em porta ou na porta de casa, reforça-se enquanto um dos símbolos da presença das “africanas” na sociedade colonial, fazendo parte do imaginário luandense (SANTOS, 2010, p.39).

¹¹ Os problemas a que se refere, são situações que as donas de negócios não gostavam ou não gostam que os mesmos negócios que elas vendem sejam também vendidos pelas colegas de bancada, que provoca o negócio não ter lucro por serem duas ou três pessoas a venderem o mesmo produto. Que provocava trocas de palavras entre as vizinhas, as olhadas, tanto que entre esses atos causam agressões físicas entre as Mulheres.

¹² A expressão piada, no contexto propriamente angolano no senso comum, é quando alguém usa palavras para depreciar ou caracterizar a imagem de alguém, partindo de um problema, diante de situações conflituosas entre duas pessoas, habitualmente, as piadas são lançadas por mulheres. Pode se dizer, lançar piada, atirar piadas, mandar piadas.

amarrar o negócio (grifo nosso). *Amarrar*¹³ o negócio para conseguir ter um rendimento.

Tais práticas de amarrar o negócio entre as donas de bancadas e as Zungueiras, são censuradas por uma parte da população, considerada um tabu. Circunstâncias como essas, advêm por conta da heterogeneidade cultural e as tradições que o país apresenta. Como pode-se perceber na fala da entrevistada Julieta Manuel:

[...] você pode fazer o seu negócio e a outra vendedora fazer o mesmo tipo, depende das pessoas que vendem o mesmo negócio. Não vai andar, se uma delas tiver mau coração. As Bancadas ainda podem andar¹⁴ e ter um bom lucro, a sua bancada não vai ter ganho, se ela tiver um mau coração. Apenas dela vai, caso ela ter maus sentimentos pelo seu negócio. Pode puxar todo dinheiro, mesmo se o negócio andar e terminar de vender, você não verá o dinheiro. E para conseguir ver o dinheiro, deve-se colocar o pó, o sal e o gindungo. 80% das pessoas que vendem, elas amarram o dinheiro para não ser puxados nas colegas, e na medida que ela vai vendendo deve amarrar o dinheiro pondo o sal e o gindungo¹⁵.

O termo puxar nas vendas feitas pelas senhoras, é utilizado para referir-se o desaparecimento dos valores arrecadados no negócio. Geralmente, é utilizado pelos negociantes no sentido de realizarem as vendas e não terem o lucro. E essa designação se efetiva no comércio informal quando os comerciantes da República Democrática do Congo começaram a entrar propriamente nos exercícios de compras e vendas nas cidades de Luanda. O termo *puxar* e **amarrar** continuam sendo até hoje, para determinadas pessoas um ato censurado nas atividades comerciais. Esteve na base também, aproximação da cultura do povo congolês, as relações mantidas de algumas pessoas dessa região com alguns povos do Norte¹⁶ de Angola, através da a proximidade cultural. As práticas no negócio, foram se desenvolvendo em outros lugares, nas ruas¹⁷ e nas senhoras que faziam o comércio em casa¹⁸. Portanto, algumas vendedoras foram aprendendo as formas de lidar com essas práticas, e foi-se desenvolvendo até no comércio ambulante, principalmente entre as mulheres zungueiras.

O termo zungueira tem a sua origem etimológica na palavra (Ku) zunga, expressão da

¹³ Expressão tipicamente angolana, usada no seu dia-a-dia nas conversas, mas também é muito usado no comércio informal, com um sentido diferente do original. Apertar, impedimento no negócio, causado por outra pessoa.

¹⁴ A palavra andar no comércio angolano, tem sentido de Rendimento. Típico do comércio informal em Angola.

¹⁵ Entrevista concedida por Entrevistador: Euclides Afonso, Bairro do angolano vala município do Cazenga. Entrevista sobre as mulheres nas vendas das bancadas, setembro de 2018.

¹⁶ Cabinda, Uíge, Zaire, são províncias localizadas no Norte de Angola com traços culturais aproximados e têm a proximidade com a República Democrática do Congo.

¹⁷ Zungueiras, Saqueiros, Kínguilas. Pessoas que fazem atividades comerciais na cidade de Luanda que não são fixos num determinado lugar. Kínguila é uma expressão que na língua quimbundo, significa “quem está à espera de algo”. Identifica de forma genérica os operadores econômicos, constituído majoritariamente por mulheres, engajados no comércio ilegal de divisas (SANTOS, 2010, p.84).

¹⁸ São as vendas nas bancadas, realizadas por senhoras, como bancada de petróleo, bancada de bolinho, de tomate, Verduras, Mangas.

língua nacional quimbundo, literalmente traduzida para o português, circular, andar à volta, girar. Trata-se de um jargão utilizado pelos luandenses para designar os comerciantes de rua, particularmente aos vendedores ambulantes (SANTOS, 2010, p.15). As trajetórias de vidas sociológicas são frequentemente uma tentativa de reconstruir as carreiras dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras influências significativas e comprovadas nas moldagens das perspectivas de vida¹⁹.

4.2 COMÉRCIO NAS CANTINAS

Em finais dos anos de 1990, a população angolana inicia com uma nova realidade de comércio, as lojas mantendo-se umas mais próximas e estreitas das outras, e assiste-se as transformações de quintais e transformações de casas, arrendamento de pequenos espaços em zonas suburbanas, o aproveitamento das entradas e de edifícios, dando lugar a novos negócios. (BARBER, 2013, p. 26 a 27).

Lojas que se distanciavam uma das outras, geridos por homens e mulheres. Alguns desrespeitam as horas normais das vendas, pois não cumprem os horários dos retalhistas, mantendo-se em atividade até altas horas²⁰. Os homens em algumas cidades de Luanda, sobretudo, bairros periféricos, são frequentemente vistos nas janelas das cantinas consumindo bebidas alcoólicas, em festas e ambientes com amigos, o que influenciam os estabelecimentos serem fechados tarde.

Em determinados bairros de Luanda esse movimento noturno é comum, por vezes sem corrente elétrica. O cenário não só se verifica nos dias de hoje, como se verificou também no passado, as práticas já existiam desde os tempos coloniais. Verificado nos versos e estrofes no poema de Antônio Agostinho Neto²¹, intitulado *Sábado nos Musseques*²²:

Os musseques são bairros humildes, de
gente humilde vem o sábado

¹⁹ SANTOS, 2010.

²⁰ BARBER (2013, p. 26 a 27).

²¹ Agostinho Neto foi o primeiro presidente de Angola, um homem da sua época desde cedo, integrou-se em Luanda, Lisboa e Coimbra em grupos de jovens intelectuais que se preocupavam com o futuro dos seus países. Numa fase inicial, a preocupação era resgatar a cultura nacional, maltratada e vilipendiada pelo colonialismo português que proclamava a suposta superioridade sua cultura (SAGRADA ESPERANÇA. 2009).

²² Do quimbundo mu (onde) + sete (areia), significa terreno arenoso, "onde há areia", por oposição. Os musseques passam a designar o espaço social dos colonizados, assalariados, refúgio da mão-de-obra barata e de reserva, ao crescimento colonial, colocados a margem do processo urbano, surgindo como espaço dos marginalizados, cuja fisionomia está em constante transformação (SANTO, 2010, p.34).

E logo ali se confunde com a própria vida,
 transformada em desespero,
 Em esperança e ansiedade e mística de
 ansiedade encontrada
 No final, entre elas e os estrangeiros.
 No significado
 das coisas E
 dos seres,

 Na lua cheia
 A casa em vez dos candeeiros de iluminação pública,
 Que pobreza e luar
 E casam bem
 Ansiedade sentida nos barulhos,
 E no cheiro a bebidas alcoólicas
 Espalhados no ar com gritos de dor de alegria,
 Misturados em entranha orquestração²³.

4.3 PRIMEIROS COMERCIANTES ESTRANGEIROS NO MERCADO ANGOLANO

Os fluxos migratórios fazem parte das dinâmicas socioeconômicas e políticas do mundo atual (PATRÍCIO e PAIXOTO, 2018, p.11). E as migrações internacionais que ocorrem no mundo estão muito ligadas nas globalizações e têm afetado as regiões e todas as categorias sociais, mudando as sociedades contemporâneas e cada vez mais pluralistas, com diversas culturas e com importantes processos de socialização que vão diversificando os espaços (BASÍLELE e BADI, 2015, p.9). Sendo assim, os fenômenos associados às migrações são bastante plurais.

Percebe-se que as sociedades do mundo e em determinadas regiões, são marcada por várias movimentações populacionais, vindo de outros espaços e realidades diferentes. Patrício

²³ Poema de António Agostinho Neto. Foi o primeiro presidente de Angola, Neto foi escritor e poeta, sempre esteve presente nas lutas contra o colonialismo em África e lutou para independência de Angola, esse foi o seu objetivo. Tinha uma consciência plena da luta de libertação nacional e em suas poesias encontraremos sempre a confirmação desses objetivos. Um desses poemas é A Renúncia Impossível, neste, Neto prontifica-se e incentiva os demais, para um desprezo incomum aos colonialistas, afirmando que não deveriam continuar a explorar o seu povo, com os sistemas implementados, ideologias socialistas e capitalistas, aristocracias e plutocracia (SAGRADA ESPERANÇA, 2009).

e Peixoto (2018) entendem que as dinâmicas migratórias recentes, apontam para contextos híbridos, em que muitos países são concomitantemente emissores, receptores e locais de trânsito. Em Angola as imigrações tiveram o seu início em 1482²⁴. A partir desse ano, dá o início dos primeiros contatos de Angola com o mundo ocidental (NDOMBELE ET AL, 2017 APUD NSIANGENGO, 2009, p.84). Pois, foi a partir desse momento que os portugueses chegaram às costas do território conhecido como antigo Reino do Congo, fruto das intenções e interesses ambíguos.²⁵

Rocha (2017) relata a vivência duma mulher cabo verdiana Keuma, que reconheceu que a sua vida sempre foi marcada por trabalho, trabalhando em famílias pobres, crescendo fazendo trabalhos de doméstica, transportar mercadorias na cabeça andando quilômetros para ter as melhores condições de vida. Por um determinado tempo no seu país na ilha de São Tiago, Keuma emigrou por países africanos fazendo atividades comerciais, posteriormente em vários anos nas atividades comerciais, Keuma chega até à Europa, rejeitando as condições duras de trabalho a qual era submetida e que a levou sair do seu país (ROCHA, 2017 p. 65, a 70).

O deslocamento das populações de um lugar para o outro, por vezes trazem estabilidade e um futuro melhor para as pessoas. Segundo o relato de um dos entrevistados, não permitindo o uso da sua identidade da RDC²⁶, negro, pertencente a classe social baixa, mostrou a dificuldade que teve para chegar em Angola, e da situação que passou ao sair do seu país.

A questão econômica tem sido uma das causas que obrigam muitos deles a deixarem os seus países, com objetivo de procurar de melhores condições de vida, revelam ainda, que a situação comercial nas suas terras natais chega a ser muito custosa, para isso, preferem encontrar outros lugares com maior acessibilidade as pessoas e facilidade de mercado. E para chegarem em Angola é mais complicado ainda, e o mesmo nos reportou:

Muita gente está a morrer para conseguir chegar aqui em Angola, não foi fácil, passei por grande dificuldade. Muitos estão morrendo no contentor e nos carros de ferros. Carros que levam Buede²⁷ ferros para vir aqui em Angola. Buede estrangeiros de outros países gostam de vir aqui em Luanda, o problema é só na fronteira, tem muita dificuldade, as pessoas estão a morrer, mas se conseguir entrar está bom²⁸.

²⁴ (ANGONOTICIAS APUD JORNAL DE ANGOLA, 27. 05.2017). <<http://www.angonoticias.com/>> acessado em setembro de 2018.

²⁵ Idem.

²⁶ Abreviação da República Democrática do Congo, antigo Zaire. É também abreviado RD, RD Congo, chamado também de Congo Kinshasa, para diferenciá-lo do Congo Brazzaville localizado no centro de África.

²⁷ Relativo a muito. Expressa quantidade, expressão não corretamente bem expressa pelo entrevistado. Termo ouvido com maior frequência aos provenientes da República Democrática do Congo. O Adjetivo certo seria bué, segundo o dicionário moderno da Língua Portuguesa bué adv. Em grande quantidade ou intensidade, grande número. Etimologicamente do quimbundo.

²⁸ Entrevistado TA1, comerciante de fardos, proveniente da RDC. Entrevista concedida por Euclides Afonso no município do Cazenga bairro Mabor.

Segundo o portal Angonotícias²⁹, nos anos de 2007 os empresários Malianos residentes na república de Angola, se multiplicaram e diversificaram os seus investimentos nos países do continente. Segundo o jornal, os cidadãos malianos através de aberturas de várias lojas, de vendas a grosso e retalho nas cidades de Luanda, Benguela e Huambo, trouxeram uma grande contribuição na redução do desemprego, sendo que em torno de 5 jovens angolanos são empregados nesses estabelecimentos.

No período de 2007, Luanda teve um fluxo de imigrantes vindo dos países do continente africano. Foram chegando na época em números reduzidos, criando aberturas de práticas comerciais na cidade. A primeira entrada dos comerciantes constatou-se um número pouco considerável de transações comerciais, conseqüentemente através do tempo, já alguns no território angolano, foram abrindo espaço para outros novos comerciantes.

Entre eles, criavam oportunidades para outros comerciantes da mesma nacionalidade chegarem em Angola e expandirem os seus negócios. Mamadu Ndiaye, de 32 anos de idade, gestor de uma cantina, no bairro do Prenda em Angola, residente há mais de 10 anos, seu primo Ismael, é que fez todas as diligências para Mamadu rumar em Angola, e vão rapidamente aprender a língua Portuguesa, contou o Ismael seu primo³⁰. Os Mamadus em Luanda, vindo de países como Mali, Senegal, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, dentre eles, exerciam um comércio diferente.

Conseguem sustentar as suas famílias que deixaram nos seus países, e com o negócio que têm feito de bolachas, maçãs, arroz e outros produtos³¹, mostram-se satisfeito e feliz do trabalho que fazem. Outros optam nas vendas de roupas, aberturas de lojas, cantinas, armazéns, estabelecimentos de grande e pequeno porte na cidade de Luanda³².

O entrevistado da República Democrática do Congo vendedor de fardos³³, comerciantes de roupas, pratica o comércio de camisas, sapatos e pastas. Diz, se não trabalhar não vai

²⁹ Angonotícias é uma plataforma de informações de assuntos ligado a realidade angolana em tempo real. Trata de informações sobre Desportos, Sociedade e Política. <http://www.angonoticias.com/> acessado em setembro de 2018.

³⁰ (ANGONOTICIAS). Acesso em setembro de 10 de 2018 <http://www.angonoticias.com>.

³¹ Alguns produtos encontrados nas cantinas dos Mamadus e Senes; Gasosa, Gelado, Sumo, Latarias, Fubá de bombo, Feijão, Carne, Frango, Leite, Açúcar, Café, Chá, Ovo, Descartável, Pente, Lâmina, Creme, Água mineral, Bola, Bolo, Iogurte, Garoto, Detergente, TICIAS, 201). Acesso em setembro de 10 de 2018 <http://www.angonoticias.com>. Alguns produtos Sabão, Fubá de milho, Coco de rato, chocolate (ANGONOTICIAS, 2011). Acesso em setembro de 10 de 2018 <http://www.angonoticias.com>. Alguns produtos encontrados nas cantinas dos Mamadus e Senes Gasosa, Gelado, Sumo, Latarias, Fubá de bombo, Feijão, Carne, Frango, Leite, Açúcar, Café, Chá, Ovo, Descartável, Pente, Lâmina, Creme e doces.

³² Entrevista concedida no município do Cazenga bairro Mabor setembro de 2018. ³³ Entrevista concedida no município do Cazenga (setembro, 2018).

³³ Fardos segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa objeto ou conjunto de objetos mais ou menos volumoso e pesado que se destinam ao transporte; carga difícil ou duro de suportar. Em Angola propriamente no comércio, são conjuntos de peças de roupas usadas que vem de outros países para serem vendidos.

conseguir estabilizar-se em Angola. Fala que as coisas não são tão fáceis, mas, a vida em Angola encontra-se melhor. Ainda assim, averiguou-se em noutros, a dificuldade na gerência do negócio, mas reúnem bom lucro para continuarem as suas atividades³⁴.

É difícil manterem os negócios nas cantinas, passam por dificuldades, propriamente nas compras dos produtos. Segundo o jornal Angonotícias (2011), Abu afirma que:

No Mali a vida é dura. Reconheceu Abu Yaya, que gere uma perfumaria. Já em Angola há três anos, este jovem comerciante fatura diariamente 300 dólares. “Estou com planos de mandar vir a minha mulher, que está em Bamako, pensa Abu. Os perfumes vêm de Paris, França, onde reside o seu tio Ibraim Moto. Semanalmente, recebo mercadorias nas agências de viagens confessa Abu Yaya (ANGONOTICIAS, 2011).

Um dos entrevistados que chegou em Luanda em 2015, desde a sua vinda não exerce outros tipos de atividades, somente vende na cantina, diz que tem comprado os produtos e depois revende. Na realidade é muito difícil, mas é melhor em relação ao seu país. E o que se verificou nos comerciantes, uma vontade de continuar em Angola por muito tempo:

- *Tem o desejo de voltar para o seu país?*

- *“Só depois, ainda vou ficar aqui”.*

Foi crescendo assim, as atividades comerciais dos Mamadus em Luanda, e consequentemente, os mesmos foram ocupando outras regiões de Angola. Nas províncias do Bengo, Huambo, Benguela, Bié, Uíge, Namibe, Zaire, Moxico e outras províncias. O número foi aumentando gradualmente ano após ano.

Após à chegada dos *Mamadus*³⁵, houve uma mudança no mercado angolano. A partir das implementações dos seus comércios. As formas de comércio realizados pelos *Mamadus* e *Senes*³⁶ passou a ser bem recebido, acessível aos habitantes das regiões onde estavam localizados.

³⁴ Fonte: TA3. Entrevista realizada no município do Cazenga setembro de 2018.

³⁵ O nome Mamadu apareceu numa situação que os comerciantes vindos desses países, tanto do Mali como do Senegal, tinham os nomes de Mamadu, e a população das regiões que tiveram os primeiros contatos generalizaram o termo para todos. Alguns tinham esse nome e os outros não. Mas por força da população de das regiões dessas localidades onde estavam os comerciantes, o costume levou alguns nomes a permanecerem, o caso do nome Sene, proveniente do Senegal. A expressão usada “vai na cantina do Mamadu ou vai ao Mamadu comprar”, passou a ser muito usada e que foi ajudando na permanência do nome.

³⁶ Outra nomenclatura proferida para se referir a esses comerciantes é o nome Sene, como já foi mencionado anteriormente. Sene é abreviação para não expressar o nome todo completo senegalense, proveniente do Senegal. Surge o nome sene, a partir das primeiras migrações desses comerciantes vindos do Senegal, as dificuldades linguísticas o estranhamento dos nomes também, fez com que eles fossem chamados pelo nome do seu país, alguns nomes eram difícil de pronunciar.

4.4 TENSÕES NA VENDA ENTRE OS COMERCIANTES ESTRANGEIROS E AS DONAS DE BANCADAS NOS BAIRROS

A chegada dos Mamadus no mercado e em determinadas regiões de Luanda, foi originando um baixo rendimento no comércio, nas vendas de bancadas e nas cantinas. Nas suas configurações iniciais em Luanda, se caracterizam pela presença de mulheres e homens negros africanos (SANTOS, 2010. p.18). As senhoras que vendiam em casas³⁷ donas das bancadas e de homens proprietários das cantinas, foram perdendo os seus espaços com a chegada dos *Mamadus*.

O comércio em Angola, é característico por mulheres, as vendas nas bancadas, uma prática muito comum nos bairros³⁸ de Luanda, sobretudo nos municípios do Cazenga³⁹, Viana, Cacuaco e Sambizanga.

O termo dona no período do século XIX, era uma condição social que as mulheres ocupavam no comércio. A população feminina era composta de donas, pretas livres e escravas que exerciam espaços distintos na época colonial, essas eram as filhas da elite luso-africana e desde a infância reconhecidas como donas, refletindo seu status social (OLIVEIRA, 2018).

E atualmente, algumas mulheres são chamadas de donas, por uma forma de tratamento, e também no comércio, como donas das bancadas ou quitandeiras.

Portanto, a chegada dos Mamadus foi tirando espaço de vendas dos nativos comerciantes, o mercado passou a ficar mais competitivo por meio das estratégias, novas formas e dinâmicas de vendas trazidas por esses novos sujeitos. Foi causando o decaimento a várias bancadas e cantinas nas regiões de Luanda.

Os Mamadus tinham formas de comércio diferente, que causou a decadência de várias cantinas em Luanda. Mas, as práticas de vendas nas cantinas já existiam em Angola, com formas de vendas diferentes em relação aos dos Mamadus. Desse modo, não só as bancadas perderam a credibilidade em algumas partes da região, como também as cantinas.

³⁷ Mulheres que exercem as suas atividades comerciais em casa, na venda de produtos sem sair de suas próprias casa, como gelado, pipoca, cervejas e outros produtos que são vendidos nas bancadas, como a cebola, tomate, alho, batata, bolacha, peixe seco, muamba, jimbo, folha de louro, óleo, etc.

³⁸ Termo bairro que era dado tradicionalmente às áreas de habitações africanas, enquanto os brancos moravam em casas situadas em ruas, foi substituído pelo termo musseque. Os bairros tradicionais que abrigavam as massas populares africanas passam a musseques e os bairros de classe média africana, como o das ingombotas, são evacuados, dão lugar ao bairro Operário. Mais tarde surgem os chamados bairros indígenas. Como vemos a própria nomenclatura mostra uma evolução na relação com os africanos, caminhando a passos para a divisão entre a cidade branca e a cidade negra ou, mais usualmente, a cidade do asfalto e a cidade dos musseques (SANTOS, 2010, p.37 APUD MOURÃO 1999).

³⁹ Sonéf angolano Vala, Lili, praça da Vermelha, praça dos Deslocados, são espaços pequenos de comércio do município do Cazenga.

Os Mamadus tinham uma forma de venda diferente nos seguintes aspectos: primeiro, os estabelecimentos de vendas nas cantinas dos nativos comerciantes de Luanda eram inferiores; em segundo, os produtos que eram vendidos nas cantinas eram poucos, e não eram suficientes para atender a demanda da população. Por consequente, alguns consumidores eram obrigados a saírem dos seus bairros até outros lugares para continuarem com os seus negócios, ou arrendar e vender os seus espaços de comércio aos Mamadus.

Os Mamadus e Senes vendiam o suficiente em seus estabelecimentos, atendendo a demanda, e com um preço acessível. Vendiam produtos⁴⁰ em grandes quantidades, reservados e com qualidade. Com isso, foi causando a pouca procura dos produtos comercializados por essas senhoras. Assim, foi criando descontentamentos de muitas vendedoras, separações e perdas de negócios. Umhas foram obrigadas a deixarem os seus lugares de vendas para irem nas ruas, praticando a zunga, e outras tinham que deixar de fazer os negócios e adotarem a outras práticas de comerciais.

Percebendo as transformações nesse novo contexto, a chegada de novos personagens na prática de comércio em Angola, dá à luz uma outra forma no comércio com relação as vendas exercidas antes por mulheres angolanas, numa nova visão de fazer o comércio, isto é, seguir as mesmas formas de vendas e estratégias de negócios.

4.5 DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA

Alguns pesquisadores que se debruçaram sobre a questão do comércio feminino em África e na Diáspora foram importantes para as referências bibliográficas deste trabalho, contribuindo direta ou indiretamente no entendimento das problemáticas postas para desenvolvimento. As intervenções de Orlando Santos no estudo intitulado *Luanda: a cidade, o comércio e a História, Do pregão da avó Ximinha ao grito da zungueira: Trajetórias femininas no comércio de rua em Luanda*, apresenta as trajetórias femininas e o quotidiano dos comerciantes de Luanda. Destaca as mães quitadeiras, as kinguilas, zungueiras, a cultura, na determinação de lugares onde são realizadas essas atividades comerciais. As análises e o papel da mulher na economia informal de Luanda, que apresentam as estratégias de sobrevivência no comércio de rua. No diálogo sobre *Um breve panorama da economia informal em Angola*,

⁴⁰ Os Mamadus vendiam produtos como, creme, sabão, gasosa, sumo, bola, pumadas de cabelo, postiço, tesouras, lâminas, bardes, vela, caixas de fósforo, faca, frango, arroz, fubá, café, latarias, detergente, água mineral, sal, alho, cebola, queijo, cartões de créditos, zapidinhas, pipoca doce, yourgute, coco de rato, sardinha enlatada, latas de leite, descartáveis. Etc...

voltado as fortes presenças do comércio na cidade de Luanda, o autor Carlos Lopes no seu artigo identifica esses períodos, e a evolução política e econômica em Angola. Apresenta uma resenha sobre a evolução histórica da economia informal, as formas, as mudanças, as relações, e os seus segmentos. Outro trabalho importante foi a de Juliana Barreto Farias, em *Mercados Minas: africanos ocidentais na praça do mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*, onde a autora destaca a importância do “tino” comercial de uma personagem africana da etnia *mina*, dentro da complexa rede de sociabilidades africanas no Rio de Janeiro do século XIX.

Outro estudo foi o de Cecília Moreira Soares intitulado *As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador*, que apresenta as mulheres e a relação com seus senhores no comércio. Sendo importante para um entendimento da relação histórica dessas mulheres ganhadeiras no século XIX na praça comercial da cidade da Bahia, que permitiu um aprofundamento das questões comerciais exercitadas pelas mulheres no passado e permitindo fazer aproximações com as mulheres que praticavam na mesma época em Luanda. Neste período, elas adquiriram bens e propriedades através de compras, heranças que criou oportunidades para essas mulheres e um desenvolvimento no comércio.

Nessa ordem, em um artigo mais recente, Vanessa dos Santos Oliveira no seu artigo *Donas, pretas livres e escravas em Luanda*, fundamenta nos meados do século XIX, as presenças de mulheres que ocupavam espaço no comércio, acumulavam terras, objetivo de luxos que as permitiam entrar nas atividades comerciais na época. Destacavam-se as donas. Portanto, essas obras foram pertinentes para dar os primeiros espaços na construção do presente estudo.

5 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa desenvolvida em uma abordagem qualitativa, na medida em que a pesquisa qualitativa se preocupa, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (SILVEIRA, GERHRDT, 2009, p.32). Para Minayo (2001 APUD SILVEIRA, GERHRDT, 2009). Partindo desta análise, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para obtermos alguns dados inerentes ao corpo do trabalho, foi inserido uma proposta

metodológica caracterizada em uma pesquisa de campo, e futuramente pretende-se alargar nessa pesquisa para os resultados finais, aprofundar o diálogo entre as senhoras vendedoras de bancada e os Mamadus, entrar nos espaços onde são realizados o comércio, nas praças, na rua e nas cantinas, de tal forma complementar o estudo. A partir dessa primeira etapa, dialogamos com comerciantes locais, que foram apresentando narrativas do comércio feito no passado e na sua inserção, no entanto, iniciamos um caminho metodológico da História Oral, para conhecermos as formas que se apresentavam o comércio no passado. A História Oral é uma metodologia que permite a constituição de fontes históricas e documentais por meio do registro de testemunhos, depoimentos e narrativas (SOUSA, 2013, p.01). A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido, o presente e o passado, a subjetividade e o coletivo, interagem na configuração que o indivíduo dá a si, os fatos que viveu e que vai narrar tendo como mediadora permanente a memória (SOUSA, 2013, p.04 a 05).

A narração nessa perspectiva, é um encontro em que o passado e o presente, o cultural e o pessoal, o individual e o social, se conjugam. E para obtermos essas informações das relações das vendas, procuramos fazer algumas entrevistas para melhor compreensão dos fatos, e futuramente perspectiva-se realizar uma pesquisa etnográfica para complementar e assim atingirmos os objetivos principais da pesquisa. Portanto, a pesquisa etnográfica, pode ser entendida como o estudo de um grupo ou de um povo (GERHDERT e SILVEIRA. 2009. p.40). Apresenta as características como uso da observação dos participantes, a interação entre pesquisador e objeto pesquisado, nesse contexto as pessoas, a ênfase no processo, a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências. Usou-se códigos nas entrevistas realizadas de alguns comerciantes por não aceitarem divulgarem os seus nomes e diante disso, usou-se os seguintes códigos para identificar cada entrevista, TA1, TA2, TA3 e seguido por nota de rodapé.

REFERÊNCIAS

A entrevista sobre as mulheres nas vendas das bancadas, setembro de 2018 Entrevista concedida por Entrevistador: Euclides Afonso, Bairro do angolano vala município do Cazenga, 2018.

ABANC. **Associação Angolana de Banco**, 2011. <http://www.abanc.ao/sistema-financeiro/evolucao-historica/historia-do-kwanzaaaccessadoem> 30.10.2018.

BARBER, Elsa. **Negócio sustentável em Angola**, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16134-Negocios-sustentaveis-em-angola.html>

DUCADOS.H. **Gênero, Raça e Classe-Feminização da Pobreza: A Estratificação Sector Informal Urbano de Luanda**. 2017.

Escolar Editora. **Dicionário Moderno da Língua Portuguesa**, 2010.

Fonte: **TA1**. Folha: 17e 18, entrevistado comerciante de roupa dos fardos. Entrevista concedida no bairro Mabor proveniente República Democrática do Congo realizada no dia em setembro de 2018.

Fonte: **TA2**. Folha:18, Entrevista concedida por entrevistador: Euclides Afonso no município do Cazenga bairro Mabor setembro de 2018.

Fonte: **TA3**. Folha: 18, entrevista concedida por entrevistador: Euclides Afonso no município do Cazenga bairro Mabor setembro de 2018.

GERHARDT. E. Tatiana e SILVEIRA. T. Denise. **Metodologia da Pesquisa**. 1ª ed. Rio Grande do Sul. Editora UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>

GODINHO. Nadja. **Relatório Analítico de gênero de Angola**. República de Angola, Ministério da Família e Promoção da Mulher, 2017. Disponível em: http://www.ao.undp.org/content/dam/angola/docs/Publications/undp_ao_PrimeiroRelatorioAnaliticodeGenero_Angola_2017.pdf

GOMES, Godinho Gomes; FURTUNATO, Alves Cláudia (Org.) **Encontros e Desencontros de lá e de cá do Atlântico: Mulheres Africanas e afro-Brasileiras em perspectiva de gênero**, EDUFBA, 2017.

GONÇALVES. J. Jerusa. **Os Desafios do Gênero: Possibilidades e limites da participação de mulheres nos espaços sociais, políticos, econômicos sob a dominação masculina em Angola**. 2018. Disponível em: http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1315/1/2018_proj_jjose.pdf

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª edição. Rio Janeiro, 2009.

LOPES. M. Carlos. **A economia informal em Angola: breve panorâmica**, In Revista

Angolana de Sociologia, pp.61-65, 2014. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/ras/1094>

MALOMALO, B. et al. **Diáspora Africana e migração na era da globalização: experiência de refúgio, estudo, trabalho**, 2015. Disponível em:
https://www.academia.edu/12722219/Diáspora_Africana_e_Migração_na_era_da_Globalização_ex_periências_de_refúgio_estudo_e_trabalho

MANUEL, J. A. Folha: 14 entrevistas sobre as mulheres nas vendas das bancas, realizada em setembro de 2018. Concedida por Entrevistador: Euclides Afonso, Bairro do angolano vala município do Cazenga.

NDOMBELE, David, Eduardo. **Reflexões sobre as línguas nacionais no sistema educação em Angola**, Instituto Superior de Educação do Uige, Angola: 2017. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/329578461_Reflexao_sobre_as_Linguas_Nacionais_no_Sistema_de_Educacao_em_Angola

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança: Renúncia Impossível Amanhecer**, 2009.
 OLIVEIRA. Vanessa dos Santo. **Donas, pretas livres e escravas em Luanda (Séc. XIX)**. In Revista de Estudos Ibero Americanos, v. 44, n°3, pp.1-10, 2018. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/29583>

PANTOJA. Selma. BARGAMA. A. Edvaldo. SILVA. Ana Cláudia (Org.) **Angola e as angolanas: Memórias, Sociedade e Cultura**, Ed. Intermeios, 2016.

PATRÍCIO. Gonçalves Valzim, PEIXOTO. João. **Migração forçada na África subsaariana: Alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique**. In Revista Interdisciplinar de Mobilidade Urbana, v. 26, n° 54, pp. 11-30, 2018. Disponível em:
<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/34>

Portal Angonotícias. Disponível: <http://www.angonoticias.com/>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

SANTOS. Orlando Almeida dos. **Do pregão Da Avó Ximinha ao grito da Zungueira: Trajetória feminino no comércio de rua em Luanda**, Dissertação de Mestrado, Centro de Estudos Étnicos- africanos, Pós-Afro, UFBA:2010. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23955>

SOUZA. M. Carla. **Memória e oralidade: Entre o individual e o social**, pp. 1-8, 2013. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/viewFile/1149/936>

UNDOLO. Márcio. **A norma do Português angolano**. 1ª ed. 2015.

WHEELER, Douglas e PELISSIER, René. **História de Angola**. Ed. Tinta da China: 2011.

ANEXOS

Figura 1. Imagem acima, mostra uma dona de bancada vendendo e por baixo um Mamadu na cantina.



Fonte: internet⁴¹

⁴¹ Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjL7P7RhZfhAhWno1kKHdueAfoQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fnoticias.sapo.ao%2Factualidade%2Fartigos%2Fcrise-e-inseguranca-chega-aos-mamadus-de-luanda-que-ja-pensam-em-regressar&psig=AOvVaw1ycEvMnJrXLjXQGIJ-YGWJ&ust=1553378141905229>; e site Angonotícias. Acessado em 2019.

Figura 2. Imagem das mulheres zungueiras vendendo.



Fonte: internet⁴²

42

[https://www.google.com.br/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwinwfC0zZjhAhXGIrkGHTqIDf8QjRx6BAgBEAU&url=%2Furl%3Fsa%3Di%26source%3Dimages%26cd%3D%26ved%3D%26url%3Dhttps%253A%252F%252Fjornalf8.net%252F2018%252Fxeque-mate-as-zungueiras%252F%26psig%3DAOvVaw10St_HTZzxcQ5mxLBDyveB%26ust%3D1553442214860776&psig=AOvVaw10St_HTZzxcQ5mxLBDyveB&ust=1553442214860776](https://www.google.com.br/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwinwfC0zZjhAhXGIrkGHTqIDf8QjRx6BAgBEAU&url=%2Furl%3Fsa%3Di%26source%3Dimages%26cd%3D%26ved%3D%26url%3Dhttps%253A%252F%252Fjornalf8.net%252F2018%252Fxeque-mate-as-zungueiras%252F%26psig%3DAOvVaw10St_HTZzxcQ5mxLBDyveB%26ust%3D1553442214860776&psig=AOvVaw10St_HTZzxcQ5mxLBDyveB&ust=1553442214860776;); Acessado em 2019.

Figura 3, imagem do mercado do Kikolo, mulheres vendendo. 2018.

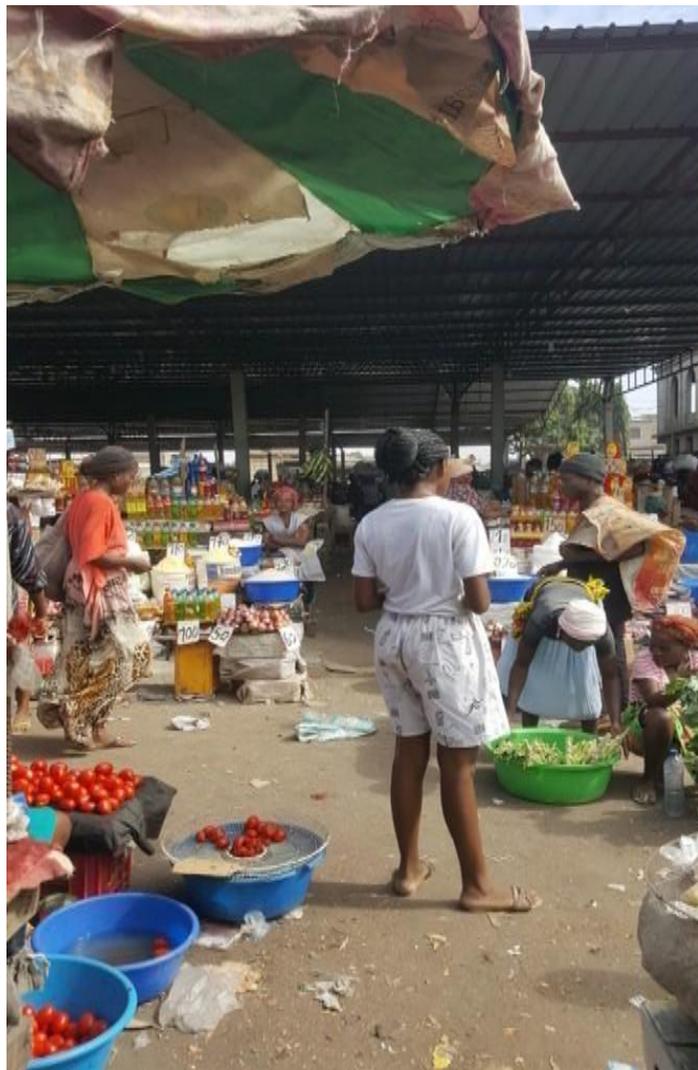


Imagem: Euclides Victorino Silva Afonso.

Figura 4. Imagens mostrando os produtos dentro da cantina dos Mamadus



Fonte: internet⁴³

43

https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiv6NP93pbhAhVII7kGHQibBVwQjRx6BAgBEAU&url=http%3A%2F%2Fwww.angop.ao%2Fangola%2Fpt_pt%2Fnoticias%2Feconomia%2F2016%2F11%2F50%2FHuambo-Aumenta-fiscalizacao-nos-estabelecimentos-comerciais%2Ca23c9fbe-62f2-422d-9443-0730f1d96a32.html&psig=AOvVaw1ycEvMnJrXLjXQGIJ-YGWJ&ust=1553378141905229;. Acessado em 2019.